

Resenha

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 57 p.

UM ELOGIO DA LITERATURA

Miguel Heitor Braga Vieira

(Doutorando em Letras – Estudos Literários, UEL)

miguelhbv@hotmail.com

Dono de uma rica e variada bibliografia sobre teoria, história e crítica de literatura, Antoine Compagnon (1950) possui alguns livros publicados no Brasil e largamente difundidos no meio acadêmico. Em agosto de 2009, pela editora UFMG, foi editada sua Aula Inaugural realizada em novembro de 2006 no renomado Collège de France, durante a inauguração da cátedra “Literatura Francesa Moderna e Contemporânea: história, crítica, teoria”. Trata-se do pequeno volume *Literatura para quê?*, que na tradução da professora Laura Taddei Brandini teve seu frescor, objetividade e energia do título original, *La Littérature, pour quoi faire?*, mantidos. Aliás, as notas pontuais e discretas da tradutora no decorrer das páginas do livro indicam várias referências e tornam a leitura desse material uma ótima porta de entrada e manutenção de reflexão sobre a permanência da literatura como um insubstituível discurso artístico para o homem do século XXI.

Após a apresentação protocolar, dirigindo-se ao administrador do estabelecimento, aos professores e demais presentes, Compagnon se incumbe de responder à interrogação colocada como título do texto de maneira legítima e clara. Para

tanto, propõe dividir sua exposição em duas questões: “Por que e como falar de literatura francesa moderna e contemporânea no século XXI?” (COMPAGNON, 2009, p. 13).

Segundo o professor, o “porquê” é mais difícil de tratar. Isto posto, começa respondendo ao “como”. O aparato indicado como sendo o mais tradicional nas discussões sobre literatura oscilaria entre a tradição teórica, que a considera um valor eterno, universal e muitas vezes imutável, e uma tradição histórica, a qual vê a literatura distanciada em seu tempo e lugar de origem. Essa bipartição também poderia ser observada na oposição entre retórica ou poética e história literária ou filologia. A sucessão de cátedras de literatura francesa no Collège de France ora pendia para um ramo de estudo, ora para outro. Após fazer um rápido balanço delas a partir do século XVIII, indica Roland Barthes e Marc Fumaroli, no século XX, como nomes que conseguiram conciliar as duas grandes tradições de estudo do literário. Dessa maneira, Compagnon prepara seus ouvintes para o modo que vai seguir em suas conferências, ou seja, a teoria servindo ao viés metodológico, elucidando os conceitos das pesquisas a se efetuarem e a história oferecendo o substrato contextual da produção literária abordada. Percebe-se daí o tributo aos dois nomes acima citados e seus pensamentos servindo como referência contínua para Compagnon. Ainda há o terceiro termo do subtítulo de sua cátedra, “crítica”, a qual será sua razão de ser, pois é o que proporciona julgamento e avaliação. A título de esclarecimento, o autor indica as balizas temporais da literatura francesa moderna e contemporânea que será estudada: do Renascimento ao século XX, mais precisamente de Montaigne a Proust.

Ao terminar de elucidar de maneira bem sucinta o “como” falará sobre literatura (e, pelo visto aqui, reportando-se basicamente à herança francesa dos estudos literários),

chegamos à parte mais extensa e substancial da aula, aquela que remete ao porquê de se falar em literatura em nossos dias. Provocador e perspicaz, ele compartilha os questionamentos com o público e com os leitores de hoje, propondo: “Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu no espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola?” (COMPAGNON, 2009, p. 20). Ora, são questões que boa parte dos estudos literários vem se confrontando de maneira obstinada pelo menos desde os fins do século XIX e em todo o século XX, em especial no pensamento produzido após as Grandes Guerras.

Um prognóstico preocupante é alertado pelo autor: “a iniciação à língua literária e à cultura humanista, menos rentável em curto prazo, parece vulnerável na escola e na sociedade do amanhã” (COMPAGNON, 2009, p. 23). Da questão teórica ou histórica sobre o que é a literatura, põe-se outra ligada à crítica e política, qual seja, o que a literatura pode fazer, ou em suas palavras frontais: *Literatura para quê?* Nesse ponto, a utilidade e a pertinência da literatura são desmembradas em quatro explicações complementares lembradas por ele.

A primeira diz respeito ao poder moral que a literatura detém. Poder esse que remonta ao conceito de Aristóteles de *mimesis*. A literatura, através da experiência e do exemplo, guia e educa melhor que as regras estabelecidas rigidamente. Deleita e instrui ao mesmo tempo, o que, ao classicismo romano, corresponde ao *dulce et utile* – doce e agradável. A essa altura fica perceptível a familiaridade dos termos e posicionamentos adotados por Compagnon com muitos outros textos que pensam a respeito da função e valor da literatura como constituição do ser humano.

A segunda explicação do poder da literatura dada é aquela surgida no Século das Luzes e que não se refere a ela somente como um meio de instrução deleitante, mas a

compreende como remédio. Remédio contraditório, pois concede autonomia ao leitor, liberta-o de sujeição a posicionamentos autoritários, torna-o insubmisso, atenuando a fragmentação da experiência. Sob esse entendimento, é visível o aspecto político marcante nessa forma artística. Uma observação sagaz encontrada é que em situações de conturbação social e política, principalmente em momentos de revolução, lê-se mais.

O terceiro poder diz respeito à correção de defeitos da linguagem que a literatura pode propiciar, no sentido mais lato que a expressão permita. Falando a todo o mundo, e recorrendo à língua comum, a linguagem literária ou poética (decisivamente na modernidade) ultrapassa os limites da linguagem ordinária. Seu aspecto transgressor encontra pouso no lúdico, na procura das margens dos significados, usando para isso a violência verbal, declarada ou surda, para avançar na representação do homem no mundo.

Por fim, depois de referenciadas as funções de agradar e ser útil, de reunificar a experiência e de vivificar a língua, o quarto poder mencionado por Compagnon é aquele que nega qualquer poder da literatura além do exercício sobre ela mesma. A literatura seria contra qualquer engajamento (não só social e humano), seria a área do “impoder”, do “despoder”, ou ainda, do “fora do poder”; no exagero, do “impoder sagrado” (COMPAGNON, 2009, p. 41, 44). Seria a literatura, então, passível de neutralidade? O próprio autor responde de prontidão: “A literatura pode divertir, mas como um jogo perigoso, não um lazer anódino” (COMPAGNON, 2009, p. 42).

Ao se aproximar do fim de sua palestra, sugere: “Não chegou o momento de se passar do descrédito à restauração e da renegação à afirmação?” (COMPAGNON, 2009, p. 44). Certamente, percebemos junto ao texto, é de mais comodidade anular qualquer poder da literatura do que reconstruir sobre ela. Mais uma reflexão de Compagnon, esta

que se estende ao ensino: “A recusa de qualquer outro poder da literatura além da recreação pode ter motivado o conceito degradado da leitura como simples prazer lúdico que se difundiu na escola do fim do século” (COMPAGNON, 2009, p. 43). Muitas outras formas de representação rivalizam com a literatura em seus usos e poderes, mas há o meio *sui generis* de ela falar ao homem, seja de qualquer época: “A literatura não é a única [introdução à inteligência da imagem], mas é mais atenta que a imagem e mais eficaz que o documento, e isso é suficiente para garantir seu valor perene” (COMPAGNON, 2009, p. 55). Constatamos, por consequência, a postura animada e humanista que emerge do texto e atesta para validade da literatura em todos os tempos.

Para nós, brasileiros, talvez a analogia mais imediata a ser feita com *Literatura para quê?* seja o texto “A literatura e a formação do homem”, de Antonio Candido, o qual converge para a função humanizadora da literatura, especificamente em sua capacidade de confirmar a humanidade do homem. Para Candido, no momento crítico, em que se pergunta a respeito da validade de uma obra e sua função como resumo e projeção da experiência humana, é que se encontra sua função formadora e humanizadora: “Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 2002, p. 80).

Ainda no diálogo desses dois textos, do professor francês e do brasileiro, identificamos uma divergência quando ambos se reportam ao poder emancipador da literatura. Compagon diz: “Seu poder emancipador continua intacto, o que nos conduzirá por vezes a querer derrubar os ídolos e a mudar o mundo, mas quase sempre nos tornará simplesmente mais sensíveis e mais sábios, em uma palavra, melhores” (COMPAGNON, 2009, p. 51). Acrescentemos, identificando a citação enviesada ao

filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626) e sua visão dos “ídolos”, causas de impasse ao conhecimento humano: tornamo-nos melhores no contato com a literatura porque potencializados, pelo fato de sua importância humanista prescrever a extensão das potências do homem ao seu extremo, até onde se consiga evoluir como ser humano, seja para o bem ou para o mal. Nesse sentido, Candido acrescenta: “Ela [a literatura] não *corrompe* nem *edifica*, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2002, p. 85).

Portanto, Compagnon não traz uma reflexão exatamente nova. Sendo uma situação de agradecimento, de rápido indicativo de sua trajetória como estudioso de literatura, de apresentação de suas intenções na cátedra alcançada e, principalmente, de indicar suas intenções na mesma, parece que o professor francês esforçou-se para retomar a questão da validade e permanência do discurso literário de uma maneira concentrada. Se não é um comentário original sobre a literatura e seus espaços de ação no homem, é um livro indispensável para quem se inicia em seu estudo em qualquer língua, justamente porque atualiza uma preocupação inerente ao próprio fazer literário da contemporaneidade. Um livro pequeno em proporções físicas, porém imenso na preocupação que suscita em leitores, alunos, professores, críticos e amantes em geral da literatura no início do século XXI.

REFERÊNCIA

CANDIDO, Antonio. “A literatura e a formação do homem”. In: _____. *Textos de intervenção*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2002 [1972]. P. 77-92.